

O arcaico e o contemporâneo em *sense8*: representações arquetípicas da diversidade

Sílvio Anaz

Doutor; Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
silvioanaz@usp.br

Resumo

A série *sense8* faz da representação da diversidade um dos pontos centrais do imaginário que compartilha com a audiência, o que estimula a discussão sobre os estereótipos e estigmas na composição sociológica e psicológica de personagens ficcionais e também na sociedade contemporânea. Do ponto de vista comunicacional, uma questão relevante que surge com a popularidade da série é identificar a quais elementos simbólicos ela recorre em sua construção de uma narrativa sobre a diversidade, estereótipos e estigmas. Este estudo busca responder a essa questão a partir das perspectivas propostas na teoria geral do imaginário (Durand), como a de que as produções culturais e a sociedade são permanentemente orientadas (e desorientadas) por mitos fundadores. O objetivo é identificar rastros de narrativas mitológicas em *sense8* e entender de que forma eles se relacionam com os temas e personagens na construção dos sentidos da série. O método utilizado é o da mitocrítica (Durand) e os resultados mostram como os elementos simbólicos mais redundantes na primeira temporada estabelecem correlações arquetípicas principalmente com os mitos gregos de Dionísio e do Andrógino.

Palavras-chave

Teoria Geral do Imaginário. Sociedade. Mito. Série *Sense8*. Mitocrítica.

1 Introdução

A série *sense8*, criação dos The Wachowskis e J. Michael Straczynski para o Netflix, apresenta na primeira temporada (*SENSE8*, 2015) a progressiva conexão que se estabelece

entre oito personagens que, a princípio, não se conhecem e vivem em metrópoles distantes: São Francisco, Chicago, Cidade do México, Nairóbi, Londres, Berlim, Mumbai e Seul. Afastados fisicamente, eles criam ao longo da narrativa, que mescla drama, mistério e ficção científica, ligações telepáticas, enquanto são perseguidos por uma organização que os vê como ameaça.

O imaginário – conjunto articulado de elementos simbólicos (e suas relações) que emerge da narrativa e opera como fator na identificação da audiência com ela (e seus discursos) – compartilhado pelo primeiro ano da série é construído principalmente a partir de oito arcos narrativos sincrônicos que se intercalam gradativamente. Um dos temas enfatizados por esses arcos é o da diversidade (étnica, social, sexual, econômica e comportamental), em um imaginário povoado de imagens, símbolos, estereótipos, estigmas, arquetipos e mitos ligados a questões como intolerância, sexualidade e solidão, entre outras.

A investigação apresentada neste artigo parte do mapeamento do imaginário de *sense8* para focar na discussão sobre um dos temas caros ao mundo contemporâneo: a questão dos estereótipos e estigmas na composição sociológica e psicológica dos personagens.

Aqui, além de pensar os estereótipos e estigmas como resultados de visões simplificadas e desvalorizadas de um indivíduo ou grupo social, baseadas em preconceitos e marcas físicas, comportamentais ou sociais, eles são vistos também, por um lado, como frutos de processos de degradação, empobrecimento e esvaziamento de mitos (BARROS, 2009) e, por outro, como materializações históricas concretas e consuetudinárias de um arquetipo (MAFFESOLI, 2010).

A mitocrítica, desenvolvida a seguir, é o primeiro passo na direção de entender o papel de estereótipos e estigmas em *sense8*. A partir dela, buscam-se os arquetipos predominantes e mitos orientadores do seu imaginário.

2 Mitos orientadores e lições míticas em *sense8*

Uma das hipóteses apresentadas por Durand em sua teoria sobre o imaginário é a de que as narrativas mitológicas, estruturadas que são por padrões e arquetipos presentes na psique humana, operam como modelo matricial de todo discurso, seja ele literário, audiovisual, musical, cênico, pictórico ou outro (DURAND, 1985, 2004, 2012). Para o pensador:

Uma obra, um autor, uma época – ou ao menos um ‘momento’ de uma época – é ‘obsedado’ (Ch. Mauron), de maneira explícita ou implícita, por um (ou mais) mito que, de maneira paradigmática, toma consciência de suas aspirações, seus desejos, seus medos, seus terrores [...]. (DURAND, 2012, p. 131).

Assim, o imaginário que é compartilhado por um produto, gênero ou movimento cultural traz nele elementos e lições de um ou mais mitos em uma determinada sociedade ou civilização.

Definidos como narrativas nas quais o processo de racionalização transforma arquétipos em ideias e símbolos em palavras (DURAND, 2002), os mitos estão permanentemente presentes na história. Sua ação se dá numa dinâmica de circulação, alternância e capacidade de ascendência dos mitos nos diferentes níveis do imaginário de uma sociedade: do inconsciente antropológico ao ego e superego sociais (BARROS, 2009), como representado na Figura 1.

Figura 1 - Esquema de circulação dos mitos na sociedade



Fonte: Elaborado pelo autor.

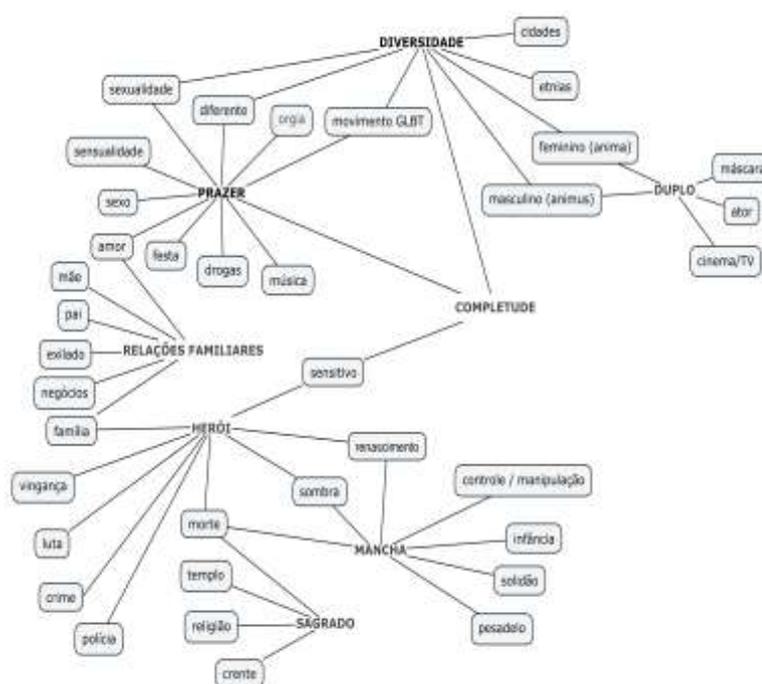
Maffesoli (2010) vê essa função mítica que atravessa a vida social ser exercida também pelos mitos do cotidiano contemporâneo e aponta que há um desejo do indivíduo em participar deles, daí a sua adesão aos mitos quando veiculados pelos meios de comunicação. Os sucessos de sagas contemporâneas como *Guerra nas Estrelas* e *Game of Thrones* – em que, muitas vezes, se extrapola a fruição dos produtos e chega-se ao âmbito da identificação e representação pública dos personagens, como no fenômeno dos *cosplay* – são exemplos do processo de adesão aos mitos.

Para identificar quais são os mitos que orientam (e desorientam) um determinado imaginário, Durand (1985, 2012) propôs como metodologia a mitocrítica. Trata-se de um método que busca identificar os mitemas (menores unidades de um mito) em um produto cultural (ou grupo de produtos culturais). A mitocrítica opera como uma *arqueologia* do imaginário. Seu ponto de partida é o mapeamento dos elementos simbólicos e a coleta de mitemas para fazer a *escavação* e a descoberta das principais lições míticas que guiam o imaginário e que residem abaixo de várias camadas de atualização, confluência e usura dos mitos fundadores.

O método mitocrítico parte da identificação de temas, motivos, situações e combinatórias de situações, personagens e cenários mais redundantes em uma narrativa ou discurso para encontrar as sincronias míticas em uma obra e estabelecer as correlações dos sentidos de seus mitemas com os dos mitos de uma determinada época (DURAND, 1985).

Em *sense8*, a partir do levantamento dos elementos mais redundantes e isotópicos na narrativa é possível verificar uma convergência deles em direção a *avenidas de sentido* (BARTHES, 2001) que atravessam a primeira temporada da série e se configuram como mitemas, conforme o apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Mapa dos elementos simbólicos mais redundantes e dos mitemas em *sense8*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Cada mitema que emerge da narrativa expressa um sentido que é o resultado da convergência de significados presentes nos elementos simbólicos que o formam, conforme o apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Mitemas e seus significados em *sense8*

| Mitema | Sentido |
|--------------------|--|
| Completeude | As incompletudes (físicas, emocionais, espirituais, sociais) de cada protagonista são supridas pelo Outro, pelo diferente. A integração de características diversas os tornam (quase) completos, sendo a harmonia com o Outro elemento essencial para se alcançar a completeude. |
| Diversidade | Diferenças étnicas, sociais, de opções sexuais e comportamentais são expressas nas personalidades e atitudes dos protagonistas. Representa a ligação entre esses protagonistas diferentes na qual as individualidades são preservadas, sendo o Outro (o estrangeiro) perfeitamente assimilado e integrado entre eles. |
| Duplo | Presente nos oito protagonistas, expressa o ato de manter algo da natureza (essência), do desejo ou do comportamento do personagem escondido, o que o possibilita transitar por dois mundos, adotando em cada um deles uma máscara. Remete ao arquétipo da Sombra. |
| Herói | Remete ao arquétipo do Herói. Em <i>sense8</i> , materializado em protagonistas sensitivos – no sentido de sensíveis e dotados de poderes extrassensoriais – que percorrem a jornada do herói (CAMPBELL, 1995) seja como Heróis solares ou diurnos, que agem predominantemente de forma violenta, ou lunares ou noturnos, que agem de forma resignada. Todos representam agentes de transformação, como se fossem predestinados a conduzir mudanças em suas comunidades, remetendo, em muitos casos, à ideia do Messias. A jornada do herói transcorre pautada ora pela vingança e crime, ora pela busca da ordem legal e martírio (auto-sacrifício). |
| Mancha | Remete ao arquétipo da Sombra. Reúne os sentidos das marcas traumáticas que os protagonistas carregam geralmente desde suas infâncias e que buscam manter escondidas, como se fossem estigmas – que lhes causam pesadelos e a sensação de solidão –, caracterizando-os como impuros, portadores de características não-reveláveis ou que não querem revelar. A busca pela purificação (que reforça a antítese da mancha) é simbolizada nas visões que cada protagonista tem do próprio nascimento (episódio 10), remetendo à possibilidade de um reinício (renascimento ou eterno retorno) para cada um. |
| Prazer | O hedonismo – a busca pelo prazer, pelo viver o aqui e agora e pela liberdade total – permeia parte significativa da narrativa, a partir das imagens de sensualidade, orgia, festas, atos sexuais, uso de drogas e do onírico. Trata-se de um prazer orgiástico em que há a mistura plena dos protagonistas e de outros personagens, que abandonam suas máscaras (persona, individualidade) e se tornam indistintos nesses momentos. Destacam-se também a música instrumental e a canção como vetores da integração dos protagonistas, sendo elementos de condução de momentos de inflexão da narrativa, como quando da percepção da ligação entre eles (episódio 4), na orgia (episódio 6) e no renascimento (episódio 10). |

| | |
|----------------------------|---|
| Relações familiares | Aglutina os sentidos das relações entre filhos e pais, principalmente, que se caracterizam na narrativa pela ambivalência: há relações baseadas na ideia de oposição e separação, que resulta em filhos exilados das famílias, como no caso das personagens Nomi e Sun, e há os de ligação, com acolhimento e proteção, que resulta em filhos apegados, como no caso de Capheus e Kala. A família é também muitas vezes o caminho para a vingança e o crime (Wolfgang) ou para a ordem (Will) e o sacrifício (Sun). |
| Sagrado | O místico (união entre o humano e o divino) manifesta-se através da presença dos protagonistas em locais considerados sagrados (templos, cemitérios) e em suas expressões de fé que buscam atenuar a questão da morte e do sofrimento e prover equilíbrio mental (espiritual) a alguns deles. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisados sob a perspectiva da hipótese durandiana, os oito mitemas identificados em *sense8* trazem pistas que remetem a, pelo menos, duas das narrativas mitológicas gregas que fundam a civilização Ocidental: os mitos do Andrógino e de Dionísio.

As correlações entre o imaginário do primeiro ano da série e o mito do Andrógino, que faz parte da teoria do amor apresentada por Platão (2012), dizem respeito principalmente ao eixo da completude–incompletude desenvolvido na narrativa.

O mito, na perspectiva platônica, apresenta uma versão da origem do humano e de sua incompletude. Ele parte da ideia de que os seres que eram originalmente dotados de duas metades (masculinas, femininas e masculina-feminina) e que por serem poderosos e ambiciosos acabaram separados pelos deuses – dentro da constante estoica presente na mitologia grega que trata da oposição entre *hybris* (descomedimento) e *diké* (justiça e equilíbrio).

O mito platônico do Andrógino é desenvolvido no eixo narrativo: transgressão–castigo–redenção. Suas lições míticas mostram como a separação em duas metades dos seres andróginos gera a incompletude e a morte para alguns, assim como o início de uma busca pela reconstrução da unidade perdida para outros. Além de uma genealogia da origem e da sexualidade humana, o mito trata também da impossibilidade da (re)união plena, do retorno a uma *era de ouro* mítica, e, conseqüentemente, da origem da eterna insatisfação, do perpétuo vazio e da angústia da saudade. Assim, suas principais lições míticas são:

- a) antítese entre ambição (*hybris*) e punição (*diké*);
- b) causas da separação, incompletude e morte;
- c) intercâmbio das diferenças;
- d) busca pela completude;
- e) reconstrução da unidade perdida;

- f) impossibilidade da (re)união plena;
- g) eterna insatisfação e angústia da saudade.

Já as correlações entre *sense8* e o mito de Dionísio estão principalmente nos temas da diversidade, do Outro e do prazer hedonista. Nas análises de Vernant (2002) e Ferry (2012), o mito de Dionísio representa a força da inserção do diferente, do estrangeiro e do feminino na mitologia grega, como contraposição ao nativo (autóctone) e viril.

Dionísio, deus olímpico, filho perseguido de uma mortal, que supera a infância traumática e infeliz, representa a presença do estigmatizado – louco, animalesco e imperfeito – em uma sociedade que valoriza o racional, o belo e o sublime, isto é, o apolíneo. Representação de pura *hybris*, pois sua vida é cercada de embriaguez, orgia, sadismo, dilaceramentos e sensualidade, ele complementa os mitos de glória à harmonia e à ordem, introduzindo a demência e os excessos (luxúria e liberdades extremas) que levam à morte, e fazendo a integração da imperfeição humana ao universo divino. Assim, as principais lições míticas de Dionísio são:

- a) introdução do diferente (o estrangeiro) no Cosmos;
- b) superação dos traumas do passado;
- c) incorporação do estigmatizado à sociedade;
- d) integração humano-divino (caos-Cosmos);
- e) representação dos excessos (*hybris*);
- f) consequências fatais dos excessos.

Ao analisar tais lições míticas e o imaginário de *sense8*, constata-se consistentes correlações entre os sentidos dos mitemas da série e os dos mitos do Andrógino e Dionísio, conforme demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 - Correlações entre os mitemas em *sense8* e as lições míticas

| Mitema | Lições míticas correlacionadas | |
|--------------------|---|--|
| | O Andrógino | Dionísio |
| Compleitude | Busca pela completude Reconstrução da unidade perdida Intercâmbio das diferenças Eterna insatisfação e angústia da saudade | Introdução do diferente (o estrangeiro) no Cosmos Incorporação do estigmatizado à sociedade Integração humano-divino (caos-Cosmos) |
| Diversidade | Busca pela completude Reconstrução da unidade perdida Intercâmbio das diferenças | Introdução do diferente (o estrangeiro) no Cosmos Incorporação do estigmatizado à sociedade |

| | | |
|----------------------------|---|--|
| Duplo | Causas da separação, incompletude e morte | |
| Herói | Busca pela completude Reconstrução da unidade perdida Intercâmbio das diferenças Eterna insatisfação e angústia da saudade | Introdução do diferente (o estrangeiro) no Cosmos Superação dos traumas do passado Incorporação do estigmatizado à sociedade Integração humano-divino (caos-Cosmos) |
| Mancha | | Superação dos traumas do passado Incorporação do estigmatizado à sociedade Representação dos excessos (<i>hybris</i>) |
| Prazer | Busca pela completude Reconstrução da unidade perdida Intercâmbio das diferenças | Representação dos excessos (<i>hybris</i>) |
| Relações familiares | Eterna insatisfação e angústia da saudade | Superação dos traumas do passado |
| Sagrado | Causas da separação, incompletude e morte | Integração humano-divino (caos-Cosmos) |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tal análise evidencia as correlações especialmente em relação aos temas da completude, diversidade, prazer e herói. Essas conexões são indicadores empíricos de que esses dois mitos podem de forma latente orientar vários aspectos do imaginário do primeiro ano da série. É importante destacar que, como esta análise não se pretende exaustiva, podem haver outros mitos orientando (ou desorientando) a série, mas, ainda assim, essas duas narrativas mitológicas fazem parte das matrizes de seu imaginário.

Outro achado desta etapa é que a ausência de conexão dos mitemas com a lição mítica que se refere às consequências fatais dos excessos – um dos aspectos mais importantes do mito de Dionísio – reforça o predomínio do lado festivo e transgressivo do mito dionisíaco e de uma visão idílica e romântica na série, alimentada também pelos sentidos positivos do mito do Andrógino.

A mitocrítica de *sense8* aponta, assim, para a força matricial latente do Andrógino e de Dionísio – atuantes a partir das camadas mais profundas do imaginário – com a predominância de seus aspectos mais otimistas e a amenização da carga trágica desses mitos gregos.

Identificada parte da matriz mítica e as relações que ela estabelece com a narrativa, o próximo passo é verificar qual é o papel desses mitos orientadores na construção dos personagens e temas na série, especificamente em relação à questão dos estereótipos e estigmas. Para fazer isso, é preciso entender, antes, como é construída a representação da diversidade em *sense8*.

3 Representação da diversidade em *sense8*

Um dos desafios de *sense8* está na construção de representações da diversidade contemporânea em seus diferentes âmbitos, do étnico (cultural, racial e religioso) ao sexual, passando pelo socioeconômico.

Como a narrativa faz isso? Como os mitos que a orientam participam desse processo?

Para responder, é preciso entender como os arcos narrativos dos oito protagonistas se desenvolvem ao longo dos capítulos da primeira temporada.

Uma narrativa, geralmente, introduz seus personagens a partir de características gerais, limitadas e simplificadoras sobre cada um. Assim, num primeiro momento, o personagem é geralmente uma representação estereotipada ou estigmatizada, isto é, uma representação parcial, que aciona na recepção pré-conceitos que se tem sobre determinados grupos sociais ou sobre as marcas (estigmas) físicas, sociais e comportamentais apresentadas. Isso também acontece no mundo não-ficcional. Como demonstra Jussim (2016), em um estudo psicossocial sobre os estereótipos, ao entrar em contato com alguém que não conhece, o indivíduo recorre às informações disponíveis – que podem ser mais ou menos precisas¹ – sobre o grupo social ao qual aquele estranho aparentemente pertence. Mas, à medida que obtém mais informações e tem mais experiências com o Outro, a tendência é substituir o primeiro julgamento estereotipado por um mais preciso:

Há 20 anos, quando o psicólogo social Ziva Kunda e o filósofo Paul Thagard tabularam os estudos [sobre estereótipos], eles puderam concluir que, quando há abundante informação disponível sobre as características pessoais de alguém, os efeitos dos estereótipos nessas situações são ínfimos ou inexistentes. Por outro lado, quando as informações pessoais estão ausentes ou são ambíguas, as pessoas tendem a confiar em estereótipos, embora, mesmo nessas situações, o viés estereotipado não seja muito abrangente. (JUSSIM, 2016, doc. sem paginação, tradução nossa).

¹ Os estereótipos, conforme demonstra a análise do professor de psicologia social Lee Jussim, da Rutgers University (EUA), podem apresentar elevados graus de precisão em algumas situações.

Na narrativa ficcional, os personagens que são introduzidos de forma estereotipada podem assim permanecer ao longo de todo o seu arco (no jargão cinematográfico, seriam personagens planos) ou ganharem novas características e profundidade psicológica e comportamental, tornando-se complexos (personagens redondos).

A hipótese que se trabalha aqui é que tal complexidade, na perspectiva do imaginário (DURAND, 2002), está diretamente associada à heterogeneidade alcançada pelos personagens ao longo de seu percurso na narrativa.

Para melhor entender esse ponto, é preciso esclarecer que tal abordagem fundamenta-se na hipótese durandiana do imaginário como produto de um trajeto antropológico (Figura 3) e na classificação das imagens, que o compõem, em três esquemas e estruturas figurativos: heroico, sintético e místico (DURAND, 2002).

Figura 3 - Representação do trajeto antropológico proposto por Durand (2002)

| reflexos fisiológicos básicos | "esquemas" mentais | "estruturas" mentais | MUNDO NATURAL E SOCIAL imagens, símbolos, arquétipos e mitos | Regimes de imagens |
|-------------------------------|------------------------|-------------------------------|---|--------------------------|
| postural | ascensão e separação | heroicas (ou esquizomórficas) | luz, alto, sol, céu, herói, espada, pai | DIURNO |
| digestivo | descida e acocoramento | místicas (ou antifráscas) | profundo, íntimo, escondido, ventre, mãe | NOTURNO |
| copulativo | cíclico | sintéticas (ou dramáticas) | eterno retorno, roda, iniciação, orgia | NOTURNO (ou CREPUSCULAR) |

Fonte: Elaborado pelo autor.

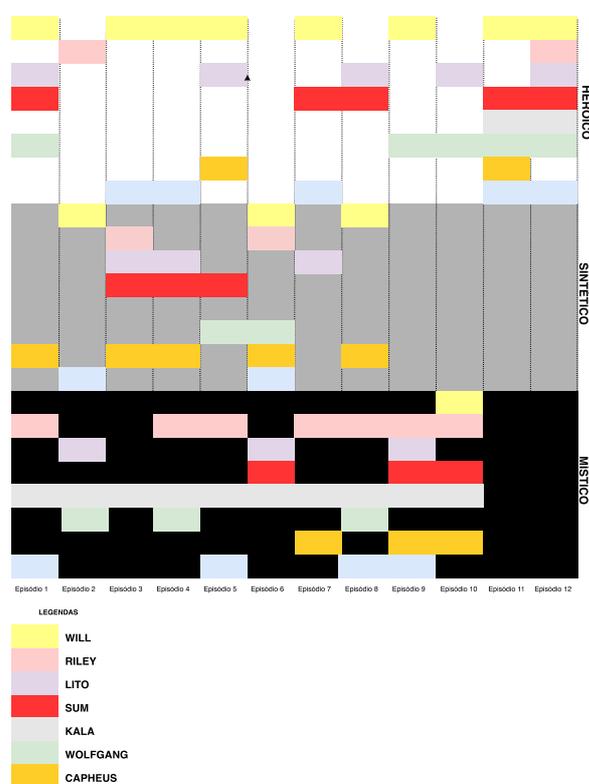
Cada um dos esquemas/estruturas que compõe o trajeto antropológico é, na proposta de Durand (1987), regido por diferentes lógicas. O microuniverso mítico heroico é regido pela lógica do combate, purificação, separação, elevação e da exacerbação das dificuldades existenciais. Antagônico ao heroico, o microuniverso místico é regido pela lógica do repouso, equilíbrio, harmonia e de atenuação das dificuldades existenciais. Por fim, o sintético (ou dramático) é regido pela lógica de integração diacrônica entre o heroico (separação) e o místico (mistura).

Nesse contexto, a proposta aqui desenvolvida é a de adotar os esquemas/estruturas do trajeto antropológico como *eixos de representação* na narrativa, com o objetivo de analisar o percurso de cada personagem (arco). A tese é a de que uma trajetória que permaneça predominantemente nos eixos heroico ou místico tende a ser homogeneizante

(reducionista, estereotipada), enquanto aquela que oscila de forma distribuída entre os três eixos ou na qual predomina o eixo sintético tende a ser uma representação heterogeneizante (plena, não-estereotipada).

A aplicação de tal método à primeira temporada de *sense8* resulta em um mapeamento espaço-temporal da trajetória dos oito protagonistas. O mapa (Figura 4) mostra o eixo de representação (heroico, místico ou sintético) que cada personagem ocupou predominantemente a cada episódio da primeira temporada². Por exemplo: um personagem que em um episódio tem sua ação regida predominantemente (isto é, por mais tempo naquele episódio) pela lógica do combate, purificação, separação, elevação e da exacerbação das dificuldades existenciais é situado no eixo heroico no respectivo episódio. Os que tiveram suas ações regidas predominantemente pela lógica do repouso, equilíbrio, harmonia e de atenuação das dificuldades existenciais são situados no eixo místico e os que foram regidos predominantemente pela lógica de integração diacrônica entre o heroico e o místico ficam no eixo sintético.

Figura 4 - Mapeamento da trajetória dos protagonistas na série *sense8* (2015)



Fonte: Elaborado pelo autor.

² Nem todos os episódios contam com a participação dos oito protagonistas.

O mapeamento revela que a narrativa desenvolve-se com um trânsito equilibrado dos personagens pelos três eixos de representação, ainda que nos episódios finais haja uma concentração no eixo heroico. O equilíbrio observado estabelece-se diacronicamente, embora, isso aconteça também sincronicamente, quando em alguns episódios ocorrem conexões mais intensas estabelecidas entre personagens situados, naquele momento, em eixos narrativos antagônicos: por exemplo, as relações Riley (místico) - Will (heroico) e Kala (místico) - Wolfgang (heroico), no primeiro episódio. Assim, salvo a trajetória de um personagem (Kala), que é predominantemente alinhada ao eixo místico praticamente ao longo de toda a temporada, os demais constroem representações que transitam pelos três eixos.

A análise dessa dinâmica em *sense8* revela como que, a partir da introdução de imagens costumeiramente degradadas e estereotipadas no senso comum (transgênero, homossexual, negro, mulher, pobre, policial etc.), o imaginário da série constrói um panorama da diversidade contemporânea (Quadro 3):

Quadro 3 - Representações construídas pelos protagonistas de *sense8*

| Personagem | Representação construída (1ª. temporada) |
|-------------------|--|
| Will Gorski | Policial em Chicago, caucasiano, norte-americano, órfão de mãe, é atormentado por um assassinato que testemunhou na infância e tem de cuidar do pai alcoólatra (um policial aposentado). Apesar de predominar na sua trajetória as ações regidas pela lógica heroica, as regidas pelas lógicas sintética e mística contribuem para dar uma imagem humanitária e sensível ao personagem, o que estabelece uma conexão entre os elementos simbólicos polícia-herói-virtude. |
| Riley Blue | DJ, caucasiana, islandesa, órfã de mãe, é atormentada pela culpa de ter sobrevivido a uma tragédia (que resultou na morte de seu marido e de seu bebê) e vive exilada em Londres, onde se envolve em uma disputa entre traficantes. Sua trajetória é predominantemente regida pela lógica mística, da harmonia, equilíbrio e aceitação das dificuldades, o que reforça a conexão da personagem com a arte da Música. |
| Lito Rodriguez | Ator, latino, espanhol, órfão de pai, trabalha na Cidade do México, esconde sua homossexualidade com medo de prejudicar sua carreira como galã de filmes e novelas. Suas ações são regidas por um equilíbrio entre as lógicas heroica, mística e sintética, embora prevaleça levemente a heroica o que constrói trajetórias ascensionais: do escondido em direção ao revelado, da submissão em direção ao combate (enfrentamento), sendo que esses percursos são feitos entre avanços e recuos e de forma conflituosa (psicológica e socialmente). |

| | |
|---------------------|--|
| Sun Bak | Executiva, coreana, órfã de mãe, rica (filha do dono da corporação em que trabalha), esconde sua atividade como lutadora de kickboxing no submundo de Seul e sente-se presa à promessa feita à mãe, antes desta morrer, de cuidar do irmão e do pai. Sua trajetória se dá de forma equilibrada pelos três eixos, com um leve predomínio do heroico, que reforça sua composição como uma personagem que se auto-sacrifica (imagem do Mártir) e que contesta o <i>status quo</i> em um contexto social machista. |
| Kala Dandekar | Cientista farmacêutica, indiana, vive em Mumbai com sua família (pais e irmã), respeita a tradição social e religiosa Hindu e está disposta a casar com um homem que não ama em respeito a essa tradição. Sua trajetória na série é predominantemente regida pela lógica do eixo místico, de harmonia, equilíbrio, repouso e aceitação. |
| Wolfgang Bogdanow | Chaveiro em Berlim, caucasiano, alemão, órfão de pais, tem ligações familiares com o crime organizado e atua como arrombador de cofres. Suas ações são regidas por um equilíbrio entre as lógicas heroica, mística e sintética, embora prevaleça a heroica, que enfatiza a conexão do personagem com a violência e o combate. |
| Capheus “Van Damme” | Motorista de van, negro, queniano, pobre, é órfão de pai e tem de cuidar da mãe doente (Aids) com quem vive em Nairóbi. Prevalece em sua trajetória o eixo sintético, sendo suas ações regidas pela lógica da união entre o heroico e o místico, o que o enfatiza as contradições, como a alegria e o otimismo em um contexto socioeconômico adverso (pobreza, dificuldade em obter os medicamentos para a mãe, ameaça do crime organizado e de gangues locais). |
| Nomi Marks | Hacker e ativista, caucasiana, norte-americana, transexual e homossexual, enfrenta a rejeição dos pais em função de suas opções sexuais. Suas ações são regidas por um equilíbrio entre as lógicas heroica e mística, enfatizando ao mesmo tempo sua ação heroica e sua busca de harmonia e de proteção, característicos do feminino. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

O que se observa na análise é que, na representação que faz da diversidade contemporânea, o imaginário que emerge da primeira temporada de *sense8* traz imagens que se contrapõem (ou buscam se contrapor) a estereótipos e estigmas a partir do preenchimento do que está deliberadamente ausente ou degradado em perspectivas estereotipadas. Uma das formas para fazer isso é o recurso às lógicas de ação antagônicas.

Assim, ao lidar com a questão da orientação sexual, por exemplo, a narrativa enfatiza nos personagens que representam o *diferente* nesse âmbito – a transexual Nomi e o homossexual Lito – a lógica heroica em suas trajetórias, valorizando-os como virtuosos, em

oposição a imagem do vicioso associada àqueles que não são heterossexuais na perspectiva estereotipada. Por outro lado, alguns dos personagens heterossexuais – o policial Will e o chaveiro Wolfgang –, que têm o eixo heroico predominante em suas trajetórias, têm essa imagem atenuada quando suas ações são regidas pelas lógicas do eixo místico (a cena da orgia no episódio 6 é exemplar disso).

Tal processo também ocorre em relação à posição social das mulheres, à questão racial e à caracterização comportamental do indivíduo pobre de regiões menos desenvolvidas.

O leve predomínio do eixo heroico na trajetória equilibrada de Sun Bak, por exemplo, enfatiza não só sua capacidade guerreira como também a caracteriza como mais forte e honrada que os homens de sua família, associando ela a virtudes que eles não têm. Por outro lado, há também a representação através da trajetória predominantemente mística de Kala, que expressa a custosa aceitação da submissão feminina na tradição de determinadas culturas, como a indiana.

O negro africano alegre, cordial e otimista – ainda que se oponha ao estereótipo do negro africano selvagem e terrorista, presente em muitos filmes – não deixa de ser um estereótipo, mesmo que, às vezes, um “estereótipo consuetudinário” (Maffesoli, 2010). Apesar de sua introdução na narrativa com esse perfil, o personagem Capheus o complexifica ao longo da primeira temporada. O predomínio do eixo sintético lhe dá características contraditórias sincrônica e diacronicamente, contradições que convivem de forma bem resolvida na narrativa. Caracterizado como um *self made man*, dono de uma van de transporte de pessoas no caos e perigos de Nairóbi, ele é portador de várias virtudes (trabalhador esforçado, filho amoroso e dedicado, amigo confiável). Virtudes que, quando em excesso, são fontes de problemas. Ele também tem seu lado vicioso, quando, por exemplo, aceita colaborar com um dos chefes do crime organizado para obter medicamentos para sua mãe.

As representações buscam, assim, superar construções estereotipadas dos personagens e apontar contextos intolerantes e discriminatórios. Para fazer isso, elas tentam ir dos estereótipos aos arquétipos, com diferentes resultados. Buscam atribuir aos protagonistas as características dinâmicas e heterogêneas dos arquétipos, que são portadores de forças opostas (positivas e negativas)³. Consequentemente, procuram

³ Na definição de Jung, o arquétipo materno, por exemplo, sintetiza dois opostos: a “mãe amante”, que é aquela que dá à luz e alimenta, com bondade e sabedoria, e a “mãe medonha”, que é aquela que aprisiona e é geradora da morte (HARK, 2000, p. 23).

restaurar a parte arquetípica que foi degradada ou excluída pelo estereótipo. Nesse processo, os mitos que orientam a narrativa exercem um papel fundamental, como veremos a seguir.

4 Conclusões

Na primeira parte deste estudo, foi possível identificar, a partir da mitocrítica, que os mitemas (completude, diversidade, duplo, herói, mancha, prazer, relações familiares e sagrado), que emergem da primeira temporada de *sense8*, apontam para a presença dos mitos do Andrógino e Dionísio como forças orientadoras do imaginário da série. Isso porque os sentidos expressos por tais mitemas estabelecem correlações com as principais lições míticas dessas narrativas da mitologia grega.

Tais correlações mostram que o mito do Andrógino pode ser percebido em *sense8* a partir da antítese entre ambição (*hybris*) e punição (*diké*), das consequências da separação e da incompletude, do intercâmbio das diferenças, da busca pela completude e reconstrução da unidade perdida, da impossibilidade da (re)união plena e da eterna insatisfação e angústia da saudade. O mito de Dionísio manifesta-se na série por meio da introdução do diferente (o Outro) no Cosmos, da busca pela superação dos traumas do passado, da incorporação do estigmatizado à sociedade, da integração humano-divino (caos-Cosmos) e da representação dos excessos (*hybris*). Foi possível identificar também que as lições mais pessimistas dos mitos do Andrógino e Dionísio – a da impossibilidade da (re)união plena e das consequências fatais dos excessos – não estão presentes na primeira temporada da série. Tal ausência leva a uma amenização da carga trágica desses mitos.

Na segunda parte, a investigação analisou, a partir da perspectiva do imaginário, os trajetos que os oito protagonistas percorrem ao longo dos episódios na construção de suas representações. A análise mostrou que, com exceção de um personagem com percurso praticamente homogeneizante, os demais têm trajetos heterogêneos, com diferentes graus de distribuição pelos eixos heroico, místico e sintético. Tal heterogeneidade tende a complexificar os personagens, dando-lhes características arquetípicas (completas e contraditórias) e não estereotipadas (parciais e uniformes).

Ao relacionar os achados da primeira parte com os da segunda, é possível constatar como algumas das lições míticas atuam orientando as representações construídas de forma a ir além dos estereótipos e estigmas e aproximar os personagens de imagens arquetípicas e dos mitos que os orientam (Quadro 4).

Quadro 4 - Efeitos das lições míticas nas representações da diversidade em *sense8*

| Lições míticas | Efeito |
|---|--|
| <p><i>Busca pela completude</i> <i>Reconstrução da unidade perdida.</i></p> <p>Recuperam a genealogia do humano e da sexualidade. Conforme o narrado por Platão, o ser original era composto por duas metades: masculinas ou femininas ou uma masculina e uma feminina.</p> | <p>Afirma as diferentes orientações sexuais, como a homossexualidade (Lito e Nomi) e a transexualidade (Nomi).</p> |
| <p><i>Causas da separação, incompletude e morte</i> <i>Intercâmbio das diferenças</i></p> <p>Mostram a necessidade do Outro (da outra metade) para não sucumbir (morte) e tornar-se completo novamente (retorno ao Paraíso Perdido) – o Outro tem aquilo que está ausente, que complementa o individual.</p> | <p>Justifica a necessidade dos oito protagonistas intercambiarem suas habilidades, conhecimentos e traços de personalidade. Afirma a necessidade humana do Outro, do que é diferente, do que complementa.</p> |
| <p><i>Introdução do diferente (o Outro) no Cosmos</i> <i>Incorporação do estigmatizado à sociedade</i> <i>Integração humano-divino (caos-Cosmos)</i></p> <p>Remetem à origem do oposto, do diferente e do estranhamento no Cosmos. Mostram que não há identidade sem diferença, que sem a imperfeição do humano não há vida, pois, nada acontece em um universo perfeito: o Cosmos origina-se do caos e o apolíneo e o dionisíaco são inseparáveis.</p> | <p>Afirma o diferente, o estranho e o oposto como parte essencial da condição humana e a necessidade da convivência harmoniosa com o Outro, que pode ser alcançada ora por ações regidas pela lógica do eixo heroico, ora pela lógica do eixo místico.</p> |
| <p><i>Representação dos excessos (hybris)</i></p> <p>Remete aos excessos e transgressões que predominam no mito dionisíaco, onde alegria e amor são exceções.</p> | <p>Enfatiza o festivo e o idílico do dionisíaco, os aspectos positivos do hedonismo, como nas cenas de orgia e de festas, por exemplo.</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor.

É possível constatar, assim, que a representação da diversidade contemporânea na série recorre à atualização de lições presentes nos mitos gregos do Andrógino e Dionísio, uma vez que há indicadores empíricos de correlações dos principais ensinamentos desses mitos arcaicos com os temas e a composição dos protagonistas da narrativa. Na hipótese aqui defendida, a orientação que os mitos exercem no imaginário da narrativa contribuem para que parte das representações da diversidade construídas pelos personagens se aproxime de imagens arquetípicas, em um processo que contribui para o questionamento crítico de estereótipos e estigmas.

Os resultados mostram também que não há uma atualização integral das lições míticas do Andrógino e Dionísio em *sense8*. Algumas de suas perspectivas mais pessimistas, como a impossibilidade da (re)união plena dos seres originalmente separados (Andrógino) e as consequências fatais dos excessos (Dionísio), não estão presentes no imaginário da narrativa, que se desenvolve amenizando o trágico característico dos mitos gregos e enfatizando pontos de vista mais otimistas, idílicos e românticos⁴.

A ausência das lições míticas mais trágicas pode estar ligada a uma visão positiva dos criadores sobre o fenômeno e/ou a opção de tornar a narrativa mais palatável ao público. De qualquer forma, a análise da construção de representações da diversidade contemporânea em *sense8* revela o desafio que existe para as narrativas ficcionais em superar as representações estereotipadas ou estigmatizadas e em propor imagens arquetípicas e/ou atualizar plenamente os ensinamentos dos mitos arcaicos que as orientam (ou desorientam).

Referências

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. A saia de Marilyn: dos arquétipos aos estereótipos nas imagens midiáticas. **E-compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

⁴ Outra questão a se destacar é que nas cenas envolvendo a personagem Sun Bak, a narrativa flerta com representações estereotipadas do homem sul-coreano, retratado como machista. Este é um problema presente em outras narrativas que buscam denunciar situações de preconceito e intolerância, como no filme *Mississippi em chamas* (1988). Baseado em fatos reais, ao retratar o racismo em uma série de incidentes ocorridos nos Estados Unidos nos anos 1960, o filme constrói uma representação estereotipada do sul do país, homogeneizando o comportamento de seus habitantes.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, método e aplicações transdisciplinares. **Revista Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 11, n. 1 e 2, p. 243-273, 1985.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitodologia. Mitos e sociedades. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 1, p. 7-22, set. 2004.

DURAND, Gilbert. Passo a passo da mitocrítica. **Revista Ao Pé da Letra**, Recife, v. 14, n. 2, 2012.

DURAND, Yves. A formulação experimental do imaginário e seus modelos. **Revista Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 13, n. 22, p. 133-154, 1987.

FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HARK, Helmut (Org.). **Léxico dos conceitos junguianos fundamentais**. São Paulo: Loyola, 2000.

JUSSIM, Lee. The truth in stereotypes. **Aeon Magazine**, 15 ago. 2016. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/truth-lies-and-stereotypes-when-scientists-ignore-evidence>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MISSISSIPPI EM CHAMAS. Direção: Alan Parker. Produção: Robert F. Colesberry e Frederick Zollo. Roteiro: Chris Gerolmo e Frederick Zollo. [S.l.]: MGM, 1988. 1 DVD (128 min).

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Edipro, 2012.

SENSE8. Criadores: J. Michael Straczynski, Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Diretores: Lana Wachowski, Lilly Wachowski, James McTeigue, Tom Tykwer e Dan Glass. Los Angeles: [s. n.], 2015. Temporada 1, episódios 1 a 12, streaming.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. São Paulo: Difel, 2002.

The archaic and the contemporary in *sense8*: archetypal representations of the diversity

Abstract

In *sense8* the representation of the diversity is one of the most important elements in the imaginary shared with the audience. This issue stimulates discussions about stereotypes and stigmas in the psychological and sociological composition of characters in fictional narratives and contemporary society. From the communicational perspective, a relevant issue that emerges from the *sense8* popularity is to identify what are the symbolic elements that the narrative uses in the construction of a story about diversity, stereotypes, and stigmas. This paper seeks to answer this question based on the general theory of the imaginary (Durand). One of the hypothesis worked here is that the cultural productions and the society are permanently oriented (or disoriented) by founding myths. The goal of this investigation is identify clues from mythological narratives in *sense8* and understand how these evidences are related with themes and characters in the construction of the meanings in the narrative. The method used is myth criticism (Durand) and the results show how the most redundant symbolical elements in *sense8* first season establish archetypal relations with the Greek myths of Dionysus and Androgyny.

Keywords

Imaginary. Myth. *Sense8*. TV series. Diversity.

Recebido em 13/01/2017

Aceito em 06/06/2017

Copyright (c) 2017 Sílvia Antonio Luiz Anaz. Creative Commons License. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.

